



I ENCONTRO DE LITERATURA OSMANIANA

*in* NOVE  
NOVENTA

CADERNO DE RESUMOS

ORGANIZAÇÃO  
ELIZABETH HAZIN



# CADERNO DE RESUMOS

DO

## I Encontro de Literatura Osmaniana *in*NOVE NOVENTA

ORGANIZAÇÃO  
ELIZABETH HAZIN

ISBN  
978-85-66342-07-9

BRASÍLIA  
2014

## APRESENTAÇÃO

Elizabeth Hazin

O I Encontro de Literatura Osmaniana reúne estudiosos do Brasil e convidados do exterior que encontraram na obra do escritor pernambucano Osman Lins o motivo em torno do qual desenvolverem suas pesquisas. Tem o evento nesse ano de 2014 o caráter significativo de homenagem ao escritor que, se vivo fosse, completaria 90 anos no dia 5 de julho.

Sendo a obra de Osman Lins constantemente perpassada pela Astrologia que - na visão dele - surge como resposta a necessidades profundas do espírito humano, escolheu-se como imagem representativa do evento o seu Mapa Astral, por corresponder ao exato momento de seu nascimento, sendo ainda o campo semântico de tal imagem estendido aos títulos dos eixos temáticos, numa tentativa de ordenação e coerência da matéria.

O foco proposto para a edição inaugural do ELO - Encontro de Literatura Osmaniana, reparte-se em cinco eixos temáticos. Levando-se em consideração os 90 anos do nascimento de Osman Lins (1924), reúnem-se em torno de **1) Um grão de claridade: Osmanações** depoimentos de experiências pessoais com a obra osmaniana ou com o próprio autor; **2) Equi(libro): alinhamento de signos errantes** propiciará reflexões em torno da obra osmaniana, a partir do ponto de vista estritamente literário, acolhendo múltiplas abordagens de seus textos. **3) 0 ☿ 0: Palíndromia** (eixo que destaca não apenas o título geral do evento – 0990 (Nove Noventa) – mas também alude ao signo de Câncer, sob o qual veio ao mundo Osman Lins) será a oportunidade para que o Grupo de Estudos Osmanianos da Universidade de Brasília apresente publicamente trabalho coletivo iniciado em dezembro de 2013, baseado no famoso quadrado mágico do romance Avalovara (1973), no qual se lê a frase SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS, de que se origina a narrativa. A jornada correspondente a este eixo temático será organizada em cinco mesas (correspondentes às cinco palavras da frase), e resultará numa espécie de Glossário Osmaniano muito particular: a cada uma das 25 letras que compõem a frase corresponderá um aspecto temático do autor, cada um deles desenvolvido por 25 membros do grupo, os quais poderão deixar claro, ainda, quão vívida pode ser a conexão entre a criação individual e a inventividade coletiva. Quem assistir a **4) Tradução: sinastría idiomática** terá a oportunidade de compreender melhor as experiências que levaram a verter a obra osmaniana em outras línguas. Esta “compatibilidade” considerará, necessariamente, aspectos linguísticos e teóricos da área da tradução. O quinto e último eixo, **5) Intertextualidades: sob a influência do ascendente**, será definido pelo olhar crítico de pesquisadores que lidem com a obra osmaniana, levando em conta o intertexto aí contido ou considerando outras áreas que extrapolem o estritamente literário e de que se alimenta o texto ficcional deste autor.



## EIXO TEMÁTICO

### UM GRÃO DE CLARIDADE: OSMANAÇÕES



## A VOLTA DO SONHO

Michel Peterson (McGill University)

Na obra de Osman Lins, encontramos espaços de condenções e de elaborações nos quais o mundo das personagens demultiplica-se e permite observar como o pensamento enfrenta o seu próprio pensamento. Um desses lugares é o sonho: enquanto aventura arqueológica e semiótica, ele tece uma relação instável entre o texto e o inconsciente, relação que podemos definir como viagem da/na escritura e tentativa de assumir um saber do esquecimento. Aliás, no final de *A Rainha dos cárceres da Grécia*, o professor diz que “temos sonhos durante os quais sabemos e após os quais, despertados, somos os mesmos cegos de sempre e mal recordamos o sonhado, logo esquecendo tudo”. Para Bernardo o Justo, em *O fiel e a pedra*, a volta de um certo sonho repetitivo, quase um pesadelo, anuncia a vinda do Mal radical, da pulsão de morte na humanidade e na história.

## OSMAN LINS: ILUMINAÇÕES

Graciela Beatriz Cariello (Universidad de Rosario)

Esta apresentação tenta traçar um caminho, aquele da minha experiência como leitora, pesquisadora e escritora, iluminado pela obra de Osman Lins desde os anos 70 até hoje. Foi um extenso caminho, com intervalos e encruzilhadas, que procuro sintetizar em poucas palavras, para dar conta do quanto o meu trabalho deve ao grande escritor brasileiro. Desde a primeira leitura de *Avalovara*, comparado com *Rayuela* de Cortázar, em 1976, para um curso que ministrei no Centro de Estudos Brasileiros de Rosario, até o momento atual, o percurso tem sido pertinaz mas não sem interrupções. O trajeto seguiu por diversas linhas: leitura (sempre), aproximação pessoal, análise comparativa da sua obra com algumas de autores argentinos, ensino na graduação e orientação de tese na Universidade, e a que considero mais significativa para mim - a minha produção literária que a sua luz vem iluminando. A presença de Osman Lins na minha vida, um farol.



## EIXO TEMÁTICO

### TRADUÇÃO: SINASTRIA IDIOMÁTICA



#### RELAÇÕES POÉTICAS E PROCEDIMENTAIS ENTRE *AVALOVARA*, DE OSMAN LINS, E A PEÇA PARA ORQUESTRA DE CÂMARA E LIVE-ELECTRONICS, *A VIAGEM E O RIO*

José Henrique Padovani (UFPB)

A peça “A viagem e o Rio” (2011), para 17 instrumentos e live-electronics, foi em parte realizada a partir da livre incorporação e reelaboração composicional de algumas imagens poéticas e determinados procedimentos de escrita e estruturação narrativa utilizados ou descritos por Osman Lins em *Avalovara* (1973). A aproximação do processo composicional com o texto de Lins se deu a partir de uma leitura demorada e em certa medida “musical” de alguns processos e imagens poéticas manifestas ao longo do romance: o quadrado e a espiral (procedimento estrutural e explicitamente descrito no romance); a foto comida por traças de Cecília (engenhosamente descrita

a partir da subtração de letras de substantivos que descrevem objetos da foto); o algoritmo musical do relógio de Julius Heckethorn (com sua recomposição cósmica e serial da sonata de Scarlatti); a utilização do caractere/símbolo palíndromo (nome impronunciável da enigmática companheira de Abel); a utilização de recursos seriais e contrapontísticos seja para conceber o processo de estruturação da macroforma do texto seja para elaborar processos descritivos mais sutis (como a frase que descreve o carro, no cais em T, que vai em sentido contrário e que, como tal, é escrita de trás para frente); entre outros. Embora a peça não tenha qualquer pretensão programática para com o texto literário, se evidenciará como determinados aspectos da concepção poética, do planejamento da peça, da escrita instrumental e dos processos computacionais/eletrônicos em tempo real elaborados para “A Viagem e o Rio” são inspirados ou baseados em imagens e processos como aqueles utilizados por Lins ou que a eles pode-se relacionar.

#### EM DEFESA DO TRADUTOR, TRAIADOR E VÍTIMA: REFLEXÕES TRADUTÓRIAS DE OSMAN LINS E A TRADUÇÃO PARA O INGLÊS DE *AVALOVARA*

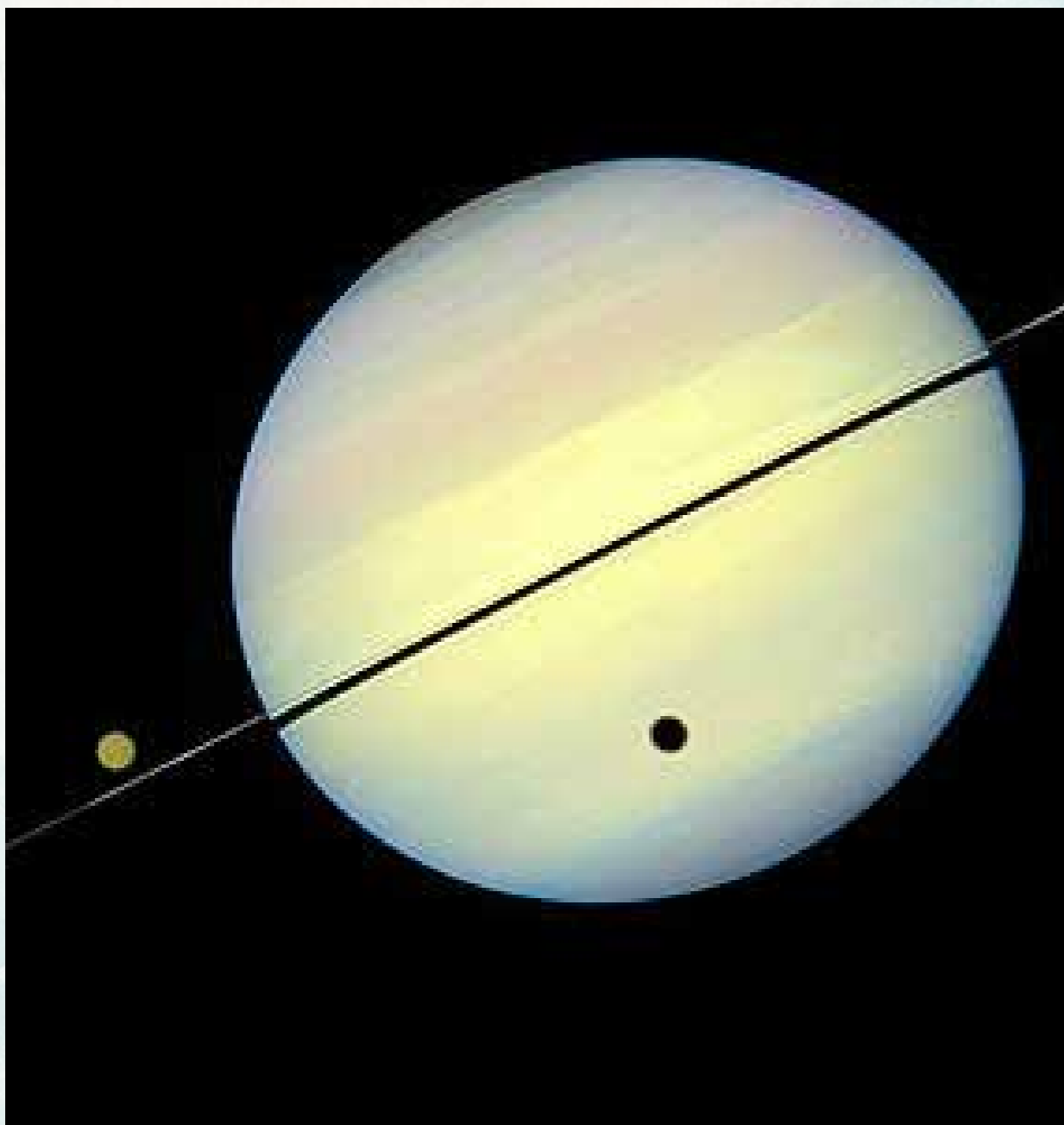
Lorena Torres Timo (UnB)

Trata-se de estabelecer uma analogia entre as opiniões de Osman Lins acerca da tradução e a versão de *Avalovara* em inglês, assinada pelo tradutor norte-americano Gregory Rabassa. Procura-se, por meio do artigo “Em Defesa do Tradutor, Traidor e Vítima”, publicado por Lins em seu livro *Evangelho na Taba* (1979), levantar índices de similaridade e divergência entre a tradução de Rabassa e as reflexões de Osman Lins sobre a atividade tradutória.



## EIXO TEMÁTICO

### EQUI(LIBRO): ALINHAMENTO DE SIGNOS ERRANTES



#### DESENHOS DO CONTO MODERNO: OSMAN LINS NO ACERVO PESSOAL DE MOREIRA CAMPOS

Odalice de Castro Silva (UFC)

Este ensaio pretende desenvolver alguns pontos importantes em convergência nas contísticas de José Maria Moreira Campos (1914-1994), cearense, e Osman Lins (1924-1978), pernambucano, na fase inicial dos dois escritores: o primeiro, de 1949 a 1957, com *Vidas Marginais* e *Portas Fechadas*, respectivamente, e do segundo, *Os Gestos*, de 1957. As convergências em destaque estão constatadas por documentos dos Álbuns – “O que dizem dele”, no Arquivo Pessoal de Moreira Campos, depositados no Acervo do Escritor Cearense (UFC). A admiração do escritor mais velho, Moreira Campos, pelas soluções formais, pelos arranjos na composição da narrativa

curta, pelo tecido da trama, da parte de Osman Lins, dez anos mais jovem, atesta o vigoroso processo de relação examinado por T. S. Eliot (1989), como embate entre cânone ou tradição e o talento individual, como resultados das tensas e conflituosas descobertas e revelações travadas no sistema literário – Antonio Candido (s/d), Roland Barthes (1986), entre outros escritores. As convergências e diferenças entre os escritores brasileiros em foco, com divulgação em outras línguas, os tornam valiosos intérpretes das décadas de 1940 e 1950, para um momento histórico de muitos perfis, como o assinala Hannah Arendt (2008), ainda sob consideração dos poetas-pensadores, para uma possível compreensão dos desdobramentos que se seguiram ao longo do século XX.

#### AS ENCENAÇÕES DA LEITURA

##### NO ROMANCE *A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA*

Luiz Carreira (UnB)

Quem é o leitor? Esta é uma pergunta que acompanha toda a leitura do romance *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. Parece mesmo ser a própria intriga do livro que conduz quem o está lendo por um jogo de espelhos onde a sua atividade é refletida com múltiplos significados pela aventura da personagem principal. O narrador do romance é um leitor e tudo o que ele nos diz está sob o signo da interpretação de um texto ao qual nunca temos acesso. Ele atua ao mesmo tempo como testemunha, como apaixonado e como crítico, papéis que vão se misturando para encenar ou dramatizar as possibilidades da própria leitura. Osman Lins cria, assim, em *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, um drama da interpretação. O texto é uma espécie de palco por onde desfilam tentativas de entendimento e reconhecimento. Mas é importante observar que há um elemento irônico no romance levando o seu próprio leitor a desconfiar dos limites da sua interpretação justamente por acompanhar a agonia de um leitor oprimido pelo desejo da análise, partido entre aqueles papéis que encena na sua busca de sentido e de entender alguma coisa. Esse elemento irônico, portanto, faz reverberar do livro perguntas fundamentais sobre o sentido e os limites da leitura, sobre o caráter da crítica e sobre os encontros e desencontros que um texto propicia. O objetivo deste artigo é precisamente refletir sobre esse conjunto de problemas nos quais a obra toca.

#### REFLEXÕES SOBRE GUERRA SEM TESTEMUNHAS

Adriana de Fátima Barbosa Araújo (UnB)

Numa passagem do capítulo X, “O escritor e a sociedade”, de *Guerra sem testemunhas*, Osman Lins afirma: “Para alguns críticos, criar contra as normas já aceitas é incorrer fatalmente em esteticismo. Esquecem a lição de LUKÁCS, para quem uma decidida modificação de forma, como sempre acontece em artistas significativos, nunca é puramente formal”. Copio o trecho para antecipar os termos em que o grande escritor pernambucano pensa as relações entre o ato de escrever, a obra literária, sua crítica especializada e sua permanência no mundo contemporâneo. Esta comunicação tem o simples objetivo de relembrar e recolocar em debate essas suas ideias.



## A SOMBRA LÚCIDA NO TECIDO AUTORAL DE A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA

Roberto Medina (UniRitter)

Coautoras: Leny da Silva Gomes e Valéria Brisolara

Na atualidade, entre a circulação de discursos e enunciados, a questão de autoria e a noção de autor pontuam as discussões literárias. Os questionamentos acerca da escritura e da *poiesis* de cada escritor tornam-se cada vez mais pontos relevantes para se tentar trazer alguma luz ao fenômeno literário. Prenunciando esses debates, Osman Lins, em 1976, lança um desafio de leitura e problematiza a polêmica autoral com o romance *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. Nessa obra, contaminada por reduplicações e combinações simbólicas, a arte narrativa apresenta-se como linguagem-objeto, propiciando o jogo textual entre a matéria ficcional e a forma romanesca. O objetivo primaz deste trabalho é discutir as relações entre autoria e rastro autoral nas tensões criadas no romance osmaniano em estudo. A fim de investigar tais questões, são elencados ensaios, como *Guerra sem testemunhas*, depoimentos, correspondências e entrevistas do escritor pernambucano sobre o seu projeto estético e ideológico. Além disso, será estabelecido o diálogo sobre a noção de autor pelas perspectivas teóricas de Roland Barthes, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, Séan Burke, Umberto Eco e Giorgio Agamben, uma vez que as vozes que falam na narrativa de Osman Lins provocam deslizamentos que reacendem a discussão sobre a morte e o retorno do autor para criar mais tensão nos limites da ficção e da crítica literária.

## EIXO TEMÁTICO

### INTERTEXTUALIDADES: SOB A INFLUÊNCIA DO ASCENDENTE



### O CALIDOSCÓPIO SONORO EM AVALOVARA, DE OSMAN LINS

Martha Costa Guterres Paz (UniRitter)

Osman Lins, em seu romance *Avalovara*, utiliza um conjunto de sonoridades que se incorporam aos diferentes cenários da obra, dando vida aos personagens e às suas trajetórias. Impregna a obra um intrincado simbolismo caracterizado por referências sonoras que incluem sons naturais e artificiais bem como músicas representativas de aspectos contrastantes e, ao mesmo tempo, inseparáveis da vida humana, tais como a dicotomia entre o sagrado e o profano, entre o erudito e o popular. Pontuam as três personagens femininas associações com a música erudita – Roos – salmo *In Convertendo Dominus*, de André Campra, com a música folclórica nordestina – Cecília – o Pastoril, e a complementariedade entre o sacro e o profano – representada pelos fragmentos



da Sonata K462, de Domênico Scarlatti, no relógio de Julius Heckethorn e pela cantata *Catulli Carmina*, de Carl Orff. Os três eixos musicais constituem-se em marcos sonoros que definem um conjunto complexo de atmosferas diferenciadas e ao mesmo tempo interconectadas definidoras da trajetória do protagonista Abel em sua busca, como escritor, pela perfeição por meio do conhecimento da palavra presente no corpo de  $\infty$ .

### **MONTAIGNE E A FIGURA DO ENSAÍSTA EM A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA**

**Renata Rocha Ribeiro (UFG)**

Considerando que Montaigne, por meio de seus *Ensaaios* (1580), foi quem consolidou o gênero ensaio na França do século XVI, que também é sempre lembrado em relação a essa forma discursiva e que o professor de *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976) se porta como um ensaísta, em que ambos se aproximariam ou se distanciariam? Este trabalho se propõe, pois, a pensar sobre uma das manifestações intertextuais na obra ficcional osmaniana e analisar o perfil de ensaísta de Montaigne em contraponto com o do professor do romance de Osman Lins.

### **QUIROMANCIA EM A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA**

**Pedro Costa Reis (UFPE)**

Esta apresentação visa delinear a quirologia ou quiromancia dentro do romance *A rainha dos cárceres da Grécia*, de Osman Lins, a fim de incitar a discussão sobre a relevância desta ciência no desenrolar da história.

Sabe-se que ler *A rainha dos cárceres da Grécia* é ler um romance sobre um romance, o diário de um professor em sua empreitada analítica do livro que sua falecida amante deixou, e que carrega o mesmo nome do livro de Osman Lins. Como leitores, temos direito a apenas um resumo sobre o romance antes que o professor comece sua análise dos personagens, e suas alusões à cultura popular, às canções e poemas, à questão do discurso de Maria de França, protagonista da obra dentro da obra. No decorrer de sua análise, o professor descobre ser o romance de sua amante, Julia Marquezim Enone, devedor da quiromancia, ciência que trata das previsões e vaticínios pela leitura da mão. O professor então explica a relação que os personagens têm com cada dedo da mão e com o enredo da história que só lemos indiretamente. Nesta leitura indireta, podemos pensar que a relação com os personagens e a quiromancia pode interferir também na “realidade” do professor, regendo o destino dele à proporção em que ele se aprofunda na análise do romance, sendo esta a hipótese na qual se baseia este trabalho.

### **LEITURA E ENSAIO EM A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA E “PIERRE MENARD, AUTOR DEL QUIJOTE”**

**Kellen Millene Camargos (UFG)**

O romance *A rainha dos cárceres da Grécia*, de Osman Lins, estabelece relações intertextuais com temas, fatos históricos e estruturas narrativas de diversos gêneros. Ele cita, no corpo do texto diarístico ou em notas de rodapé – entre romances, contos, novelas, teoria literária, livros de história brasileira e universal, artigos jornalísticos, livros didáticos, almanaques, entre outros gêneros – quase cem obras. Convém observar que o dialogismo entre esse romance e os textos citados não existe apenas em relação à intertextualidade, em que outras obras passam a compor o texto citante, mas também à metaficcionalidade, em que o texto crítico e o ficcional dividem espaço na narrativa. O sujeito enunciador do texto metaficcional não retoma apenas a criação, passo a passo, da escrita literária, mas também elabora um ensaio com discussões que teorizam e criticam o processo de construção do romance. Neste trabalho, realizaremos nossos estudos observando esse caráter ensaístico em *A rainha dos cárceres da Grécia* e um conto que ele cita, “Pierre Menard, autor del Quijote”, de Jorge Luís Borges. Este conto, considerado um ensaio sobre a leitura, ajuda a entender diversas estratégias de interpretação literária existente no romance de Lins, conforme veremos no confronto analítico entre as duas obras. Para discutirmos algumas questões relacionadas à leitura, estudaremos alguns pressupostos de Umberto Eco (1976; 1994; 2005), Roland Barthes (1977; 2012), Dominique Maingueneau (1996), Antoine Compagnon (1996) e Eni Pulcinelli Orlandi (2000), além de textos críticos relacionados às duas obras.

### **PRESENÇA DO MATERIALISMO ANTIGO NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX: DIÁLOGOS ENTRE OSMAN LINS E GUIMARÃES ROSA**

**Fábio Borges da Silva (UnB)**

A comunicação pretende expor evidências da presença na literatura brasileira do século XX, sobretudo aquela vinculada ao modernismo e/ou à Nova Narrativa, do eleatismo (do Paradoxo de Zenão de Eleia) e do materialismo primitivo grego (de Demócrito, Lucrecio e Epicuro) naquilo que se referiram a questões que envolvem ideias como Leveza, Infinito, Tempo e Espaço. Escritores como Osman Lins, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto foram influenciados, ao que tudo faz crer, de modo muito particular (e comparável) pela filosofia atomista e eleática grega. Como referencial tomaremos as obras “O Recado do Morro”, de *Corpo de Baile* (1956), *Grande Sertão : Veredas* (1956) e *Avalovara* (1973) para a exposição das ideias, embora façamos alusões significativas a *Hora da Estrela* e também a *Morte e Vida Severina*, afinal, Clarice e Cabral parecem ter compartilhado do espírito que envolveu, em solo nacional, as questões acerca daquela antiga tradição grega.

### **A INVASÃO DA HISTÓRIA EM A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA**

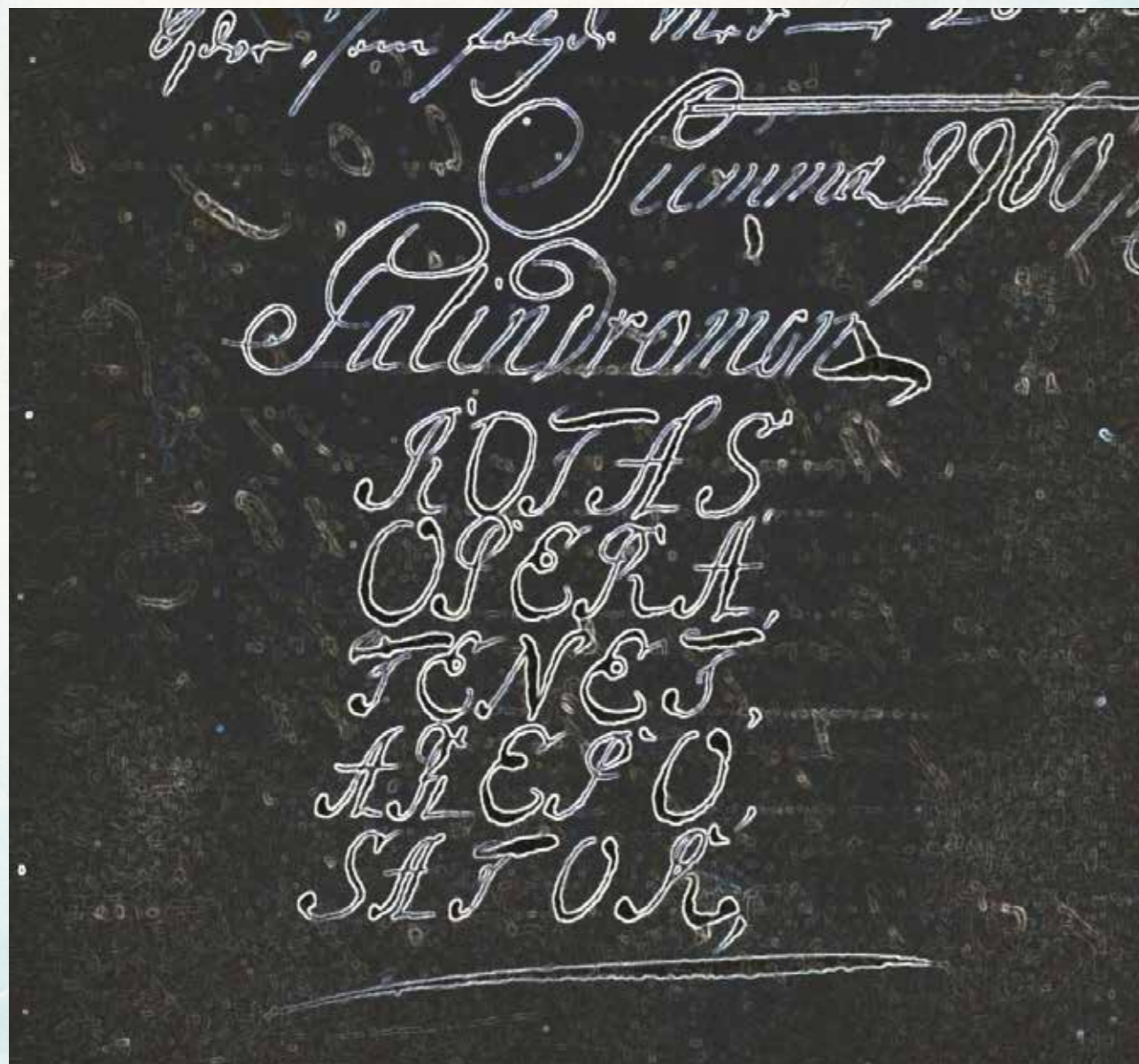
**Zênia de Faria (Ufg)**

Como se pode ler no romance homônimo de Osman Lins, *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, de Júlia Marquezim Enone, é um “romance de permutações, onde tudo invade tudo”. Partindo deste pressuposto, nos propomos a examinar, em nossa comunicação, a questão da “invasão da História”, no referido romance, tendo em vista a forte recorrência, nessa narrativa, de referências à História (fatos históricos, personagens). Em outras palavras, nossa comunicação consistirá em uma reflexão sobre algumas das relações entre ficção e História, no romance *A Rainha dos Cárceres da Grécia*.



## EIXO TEMÁTICO

### 00: PALINDROMIA



## SPOREUS

Piero Eyben (UnB)

A pergunta que move esse trabalho, e que me demove, é a partir de *Avalovara*, o que é o sentido desde Osman Lins? Pensar o sentido no interior do romance é perguntar-se como uma sentença, ao se disseminar, torna-se sentido, contra-sentido, senso, contrassenso; como é possível dar um passo em direção ao sentido, um passo que, ao mesmo tempo, se limita em uma calculabilidade exposta à aporia. Vale dizer às esporas, aos poros, à aporia. Osman Lins expõe a ideia de “sentido moral” que perseguirei desde um rompante étimo-pensativo até o sporeus, grego, desde o caminho da sementeira, desde o recebimento e o destino do sentido na escritura.

## ANIMALIA

Gabriela Lafetá Borges (UFMG)

Seguindo o projeto de Elizabeth Hazin ao construto de um bestiário osmaniano à obra de seu autor, o presente texto passeia por autorias e propõe um recorte ou uma breve contribuição a esse projeto por vir e em diálogo com sua autora. Dois caminhos são traçados nesse texto rumo a um bestiário osmaniano, e vêm guiados por aquele que traça, entre as páginas, os caminhos de leitura de *Avalovara*, o Unicórnio: 1. a inspiração dos bestiários da Idade Média à imensa composição dos animais por Osman Lins a exemplo de *Nove, Novena e Avalovara*; 2. uma intrusão da reflexão filosófica de Heidegger e Derrida à questão do animal na literatura de Osman Lins. Este segundo se dá pontualmente em torno da morte, por noções do animal como pobre-de-mundo frente ao ser-para-morte-formador-de-mundo (heideggeriana) e como signo a porvires ficcionais (derridiana) como a Quimera, e o próprio Unicórnio.

## TOTHALIDADE

Ricardo Andrade (UnB)

*Avalovara*, de Osman Lins, é uma obra literária que dialoga com a filosofia da linguagem e a crítica literária. Busca, através da arte de escrever, refletir sobre a vida e a morte através da própria história da escrita, reverenciando-a e estabelecendo relações entre seus empregos comuns, artísticos e mágicos, repercutindo a mitologia de sua origem, sua “criação” pelo deus egípcio Thoth, ainda que de forma hermética ou velada, ambicionando uma busca por permanência e totalidade que possibilita o neologismo do título deste artigo.

## ORDO

Thayla Crisrhana Martins Pereira (UnB)

Ao leitor da obra literária do escritor pernambucano Osman Lins torna-se claramente perceptível a incessante preocupação desse autor - inscrita no texto - quanto à palavra e à dialética finitude/infinitude. Expresso na genialidade do texto de *Avalovara*, romance que neste ano completa 41 anos de publicação, o desejo de apontar para a perpetuação da palavra pelo uso constante de referências bíblicas e mitológicas, as quais aludem respectivamente ao sagrado e ao profano, é evidente, o que se liga diretamente às epígrafes contidas no texto, a de George Gusdorf, autor de *A Palavra* e a de Mircea Eliade, de *O sagrado e o profano*, cujas obras servem de aparato teórico e são subsídios importantes para este trabalho. Diante disso, identifica-se na obra um princípio cosmológico, uma alegoria da criação literária e da criação do mundo, o que requer a ordem como presença constante no romance através de diversos elementos e símbolos. Eleito como



figura regente deste estudo, o relógio criado por Julius Heckethorn, no momento de sua formação, representa o processo cosmogônico e o tempo, instrumento usado para a ordenação do mundo e do romance. Percebe-se, então, que além da função orientadora do relógio, há uma intrínseca relação entre Criador e criador embutida no processo de construção no qual Julius se lança, o que se aproxima ainda da palavra como enigma diante de quem a observa, de quem observa o relógio, por fim, de quem observa *Avalovara*. O intuito ordenador do relógio é entrelaçado ao intuito ordenador do universo, o qual se derrama pela estrutura do romance osmaniano, já que todo ele é um grande artefato, rigorosamente pensado e construído a fim de prestar culto à palavra, refletir sobre ela, aquela que resiste ao tempo, ao desgaste e às mudanças.

## R ELAÇO

Fernanda Silva Leite (UnB)

Este artigo busca analisar a composição literária de *Avalovara*, romance publicado em 1973, do autor pernambucano Osman Lins, através da perspectiva da multidisciplinaridade, a qual envolve o entrelace de várias áreas do saber, a fim de construir um universo literário único. Com a ajuda de imagens, como a espiral e o quadrado e ainda de uma frase palindrômica, busca-se definir quais foram essas áreas utilizadas pelo autor para dar conta de arrematar tão bem o romance.

## A TRAVESSIA

Maria Aracy Bonfim (UFMA)

Integrando “Palindromia”, Atravessia é o neologismo a partir do qual devo abordar certas passagens em *Avalovara* que impliquem no ato de atravessar – “ir ou passar para o outro lado de (algo), por cima ou através de; percorrer de ponta a ponta, de lado a lado, de extremidade a extremidade; cruzar, transpor, traspasar” (Houaiss, 2001, p. 339) – em relação ao texto/espaco/tempo no romance. Abel e ☉ são o foco inicial dessa leitura – o percurso enquanto atravessamento de uma história – os amantes, da porta ao tapete e o mundo que formam a partir disso – representação do mundo, pela via literária. Evento que coagula todos os outros – o atravessar simbólico em toda a narrativa, como processo alquímico, como imagem em câmera lenta que, ao mesmo tempo gera infinito. Em seguida, outras instâncias serão abordadas: um nível mais específico de cotejo de trechos em que o atravessamento se ilustra em algumas imagens e ainda certa atenção aos toques da espiral especificamente no quadrado que comporta a letra A que inicia a palavra AREPO [e que é o A aqui referenciado], em busca de alguma nitidez na origem incerta dessa palavra e análise mesmo do percurso espacial de Abel na Europa com Roos - linha A - e a relação desse percurso exterior com a forja do Abel escritor.

## R ADHA

Ana Maria Agra Guimarães (UnB)

O presente artigo visa estabelecer uma relação entre a natureza e os personagens da narrativa “Retábulo de Santa Joana Carolina”. Nessa narrativa a natureza se solidariza com o estado subjetivo dos personagens, principalmente com a protagonista Joana Carolina que, em seu percurso, enfrenta sofrimentos e adversidades. A natureza perfaz seu caminho, iluminando-a em sua travessia.

## E NCONTRARE

Cacio José Ferreira (UFAM)

Pretende-se indicar, com esta comunicação, algumas ideias gerais acerca do encontro entre pessoas e mitos, principalmente, entre Abel, Roos, Cecília e ☉, no romance *Avalovara*, de Osman Lins. Sob a égide do *encontrare*, a totalidade sempre se regenera nas teias do reencontro. Abel, Roos, Cecília e ☉, por meio de círculos fortuitos, luminosos, fatídicos, salvadores, históricos, banais, artísticos, de serem gente, arte do outro, configuram essa confluência: “encontro o signo da escuridão – símile de insciência e do caos – e o signo da confluência: germe do cosmos e evocador da ordenação mental. Terra, espaço, Lua, movimento, Sol e tempo preparam a conjunção da simetria e das trevas.

## P ALINDROMIA

Elizabeth Hazin (UnB)

À semelhança do que surpreendemos nas palavras de Borges a respeito de uma das narrativas das *Mil e uma Noites*, mais precisamente aquela que metaficcionalmente alude ao texto como um todo, tornando claro para os leitores o que de fato estão a ler, este artigo - intitulado **Palindromia** (mesmo título do conjunto de artigos em que se insere) - funciona como a própria imagem do infinito a que se refere Borges em relação ao texto árabe: é o ponto em que tudo reverbera, e que tenta explicar – por meio da demonstração da figura conceitual da reversibilidade, claramente perceptível em *Avalovara* – o que seria escrever *palindromicamente*.



Poliana Queiroz Borges (UFG)

Na narrativa “Pentágono de Hahn”, da obra *Nove, novena*, Lins inicia o texto com uma imagem que é a fusão de dois sinais que sugerem analogias com a escrita musical. É uma indicação de que o autor entrará por um sistema de representação que irá ultrapassar o código gráfico da língua portuguesa, transpondo limites. O *organum* criado pelo autor executa uma partitura peculiar para o tema Hahn, com cinco vozes compondo a estrutura principal. Considera-se a hipótese de que, no texto, os sinais musicais estão configurados em uma rede sinestésica, que extrapola as fronteiras das artes, confirmando a singularidade da escrita osmaniana. O objetivo desse artigo é buscar uma perspectiva de leitura que observe as possíveis analogias musicais em “Pentágono de Hahn” a partir da composição rítmica das personagens. A musicalidade será abordada também a partir das considerações de Gilbert Durand, na perspectiva do Regime Noturno Sintético da Imagem.

## TAPENET

Luciana Barreto Machado Rezende (UnB)

Urdida em tramas várias, narrativa que certamente se faz pródiga e singular em seu lastro de literatura, pintura, partitura. Não à toa, Osman Lins, em *Avalovara* (1973), vale-se da figura do tapete para conformar e sagrar uma história de amor, júbilo e morte, apresentando-o não somente como adereço, ornamento, mas enredando na trama literária – e em seus intrincados feixes de sugestões simbólicas, alusões referenciais e exuberância pictórica – as mais distintas tradições clássicas e expressões artísticas: arquitetura, poesia, artes plásticas, escultura, música, teatro –, lançando, ainda, interrogações diversas quanto à arquipotência da linguagem, o sentido da vida, o ser/estar do homem no mundo. A partir da compreensão de Walter Benjamin sobre a língua adâmica, a palavra humana e a nomeação das coisas, o tapete-Paraíso, assumido como cume dramático e vértice do mundo, por convergir de modo notável com a acepção associada ao vocábulo *tenet* – cujo significado é deter, segurar, sustentar, estando ainda no centro do quadrado mágico e da frase-palíndromo que estrutura o romance – motiva e justifica a composição da palavra **tapenet**, a qual titula este artigo. Fusão e complementariedade no magma erótico-amoroso de ‘O’ e Abel, circunscrito ao edênico espaço, absoluta confluência, exata concórdia.

## EKLEIPO

Leny da Silva Gomes (UniRitter)

Eclipse (ékleipo) do grego ékleipsis: ato de abandonar, desaparecimento (do sol, da lua). O quadrado como *homo quadratus* e a espiral como representação do céu cósmico são formas geométricas da relação entre microcosmo e macrocosmo, anunciada no palíndromo emblemático de *Avalovara*, de Osman Lins. O tema *R*: ☉ e *Abel*: *Encontros, Percursos, Revelações* apresenta uma estrutura em que se justapõem fragmentos de dez séries de pequenas unidades temático-compositivas, distribuídos entre os 22 capítulos do tema, que é a abertura do romance no R1. O Eclipse e o Enterro de Natividade fazem parte desse conjunto e mantêm entre si um diálogo centrado nas correspondências entre o alto e o baixo, a luz e as trevas, a vida e a morte.

## NAVIGIO

Elizabeth Hazin (UnB)

Na vertigem do centro, no meio de tudo, no ponto por onde tudo passa, vindo de um lado ou de outro, no meio do caminho, ali se lê NAVIGIO, exatamente como no longo tapete bordado do século XI, conhecido como tapeçaria de Bayeux, representando a Batalha de Hastings, de 14 de outubro de 1066, na qual Guilherme, o Conquistador, consegue para a Inglaterra as terras da Normandia. Ao longo dos setenta metros de extensão por 50 cm de altura da tapeçaria dispõem-se cerca de sessenta cenas, todas com títulos em latim. Um deles é Navigio. Navigium, do latim, significa navio, mas em sua forma medieval – NAVIGIO – significava navegação, percurso marítimo. Serão aqui tomados – na análise do romance *Avalovara* – os dois significados: o de navio (que ao longo do percurso da espiral tantas vezes se metamorfoseia) e o de navegação, imagem da própria escritura, do convite à viagem. Não raro, a escritura é comparada a uma viagem; não raro, os escritores falam de viagens, literal e metaforicamente. Sobretudo *Avalovara*, entre todos os textos osmanianos, pode ser tomado como verdadeiro relato de viagem, à semelhança dos relatos medievais.

## EXPANTO

João Vianney Cavalcanti Nuto (UnB)

Este trabalho parte da noção de espanto como deslumbramento inicial, fruto de uma primeira leitura, ainda impressionista, da obra, aliada à noção expressa pelo “expanto”, para designar o efeito estético que resulta de uma leitura mais aprofundada e crítica de *Avalovara*. Seu foco analítico são as imagens relacionadas com a máquina como representação cósmica, associada, desde o início, com a máquina do mundo, a imagem plena do universo apresentada por Camões em *Os Lusíadas*. As análises distinguem quatro manifestações da máquina: a máquina do mundo, a máquina do livro, a máquina da opressão e a máquina do amor. Assim, a imagem da máquina contribuiu para que o romance *Avalovara*, segundo seu próprio autor, “evocasse mitos cosmogônicos e, ao mesmo tempo, fosse relacionado com o ato de escrever, tanto com a realização artística quanto com a realização humana através do amor”.



## T EMPORABILIA

Francismar Ramírez Barreto (UnB)

“Fatos ou coisas dignos de memória, relativos à passagem do tempo”. Se um leitor curioso precisasse da definição do termo “temporabilia”, seriam estas as palavras a serem utilizadas para explicar o termo. Não serão poucos os elementos utilizados pelo escritor Osman Lins para explorar a dimensão temporal no romance *Avalovara*. Uma das duas figuras basais por ele utilizadas para dar forma à sua obra mais elaborada é a espiral. Na linha narrativa que propõe uma discussão sobre o fazer literário (a linha S), o narrador afirma haver “(...) na construção aqui iniciada. Só um elemento (...) claro e definitivo: rege-a uma espiral, seu ponto de partida, sua matriz, seu núcleo”. Primeiro de muitos indícios, esta delgada linha curva será também o começo de uma inquietante discussão que se alastra - com maestria - pela obra em questão. Este artigo pretende refletir sobre pelo menos três aspectos que permitam observar a preocupação do autor pernambucano com o subverter o tratamento do critério temporal na ficção.

## O UTERO

Andrea dos Reis Collaço (UnB)

O uso da palavra, especialmente em tempos e situações de opressão como os encontrados em *Avalovara*, pode ser contido pela sua apropriação por discursos esvaziados de sentido. Ao mesmo tempo, a busca da significação, ainda que perigosa porque exige a presença também significativa do outro, traz, à palavra, a vida. De um lado, o outro, aquele que pela sua singularidade e diferença provoca uma mudança através da repressão ou do encontro; de outro, o útero, a potência geradora do ser, que exige a presença amorosa do diverso a condição para a criação. Útero, outro, outero, idéias a partir das quais este possível caminho de leitura de *Avalovara* se aventura.

## P REPARATURA

Sebastiana Lima Ribeiro (UnB)

O escritor prepara um mundo em torno da palavra, e assim como uma criança aprende a biciletar o equilíbrio, como o lavrador ara a terra para receber sementes, como as engrenagens mobilizam os relógios a corda, como o pedal nas antigas máquinas de costura delimitam o ritmo da tessitura, como certas peças acionam a liberação do segredo de cadeados, o escritor abre vãos na inteligência do público, move desejos de compreensão. Dentro do mesmo ritmo, *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, de Osman Lins prepara leitores de romances. O acervo de citações ali presente compõe uma biblioteca *in loco* que se entrelaça à narrativa e instiga o leitor a destrinchá-lo, a entender como a leitura espelha a escrita e como a escrita espelha o universo.


## E RINNERUNG

Fabricia Wallace Rodrigues Eyben (UnB)

Derrida, em *Mémoires*, pour Paul de Man, toma a palavra *Erinnerung* no sentido de uma memória interiorizante - no sentido mesmo de uma resistência à morte, uma vez que o outro, sempre um fora de nós, passa a viver, quando morto, na memória ou no luto, na intimidade. Derrida começa esse texto - uma espécie de tombeau, mas também uma reflexão sobre a memória - afirmando que jamais soube contar uma história. Ele se coloca como aquele que é privado da narração e, portanto, como aquele que “não recebeu o dom de *Mnemosyne*”. A proposta deste trabalho seria, então, partir desse questionamento de Derrida para uma análise de *Avalovara*: como contar uma história? Como poderia Abel dizer aquilo que passou a habitar o seu *intimamente*?

## R ESOIR

Thomaz Antonio Santos Abreu (UnB)

Pretendemos indicar, com este artigo, algumas ideias gerais acerca da relação entre Abel e , no romance *Avalovara*, de Osman Lins. Posto que os amantes ensejem, em sua vivência, determinado aprofundamento crítico, possibilitando uma relação íntima e especial entre eles, em contexto de abertura para diferentes perspectivas filosóficas, determinada postura ética dos mesmos parece se evidenciar, na qual um sujeito pode ser, radicalmente, “hospedado” pelo outro.

## A LOGORIA

Joseana Geaquinto Paganine (UnB)

O artigo propõe uma interpretação da linha narrativa “Roos e as cidades”, do romance *Avalovara*, de Osman Lins, a partir do conceito de “alegoria”, tal qual formulado por Walter Benjamin em *Origem do Drama Barroco Alemão*. Em seu significado corriqueiro, a alegoria é uma figura de linguagem que plasma uma ideia abstrata em uma ou mais figuras. Realiza o movimento do geral – a ideia – para o particular – a imagem. Etimologicamente, a palavra vem do grego e é comumente traduzida como “dizer o outro”. A alegoria é o que ela apresenta e, ao mesmo tempo, é outra coisa, que não está no que nos foi apresentado. Segundo o filósofo alemão, a alegoria barroca evidencia uma dissociação entre imagem e significado, que espelharia a ruptura do homem moderno com a concepção sagrada do mundo. Essa dissociação faz com que a polissemia, a ambiguidade e a fragmentação sejam características fundamentais da alegoria. Afastadas do mundo e longe do seu sentido orgânico, as coisas se mostram, na apresentação alegórica, como um enigma. E é como um enigma que Osman Lins organiza a narrativa do encontro entre Abel e Annelise Roos. A escrita alegórica do autor confere à narrativa vários significados que transcendem a história de amor entre os personagens.



## R ESISTÓRIA

Cauê Maia (UnB)

O trabalho propõe uma leitura de *Avalovara* (1973) a partir da resistória, este duplo ímpeto de representação histórica e resistência a um contexto de violência. Analisaremos aqui alguns dos diversos recursos estilísticos e narrativos utilizados por Osman Lins para representar a opressão da ditadura militar brasileira, que tem no lólipó a sua mais completa alegoria.

## O SCILLUM

Loide da Silva Chaves (UnB)

A comunicação lança um olhar sobre os percursos experimentados pelas personagens de “Um ponto no círculo”, de Osman Lins, e de “Jardim dos caminhos que se bifurcam”, de Jorge Luís Borges, captando as possíveis reverberações desses deslocamentos em relação ao questionamento do fazer artístico. Além disso, procura-se, sem todavia sugerir influências entre as obras, captar imagens comuns, como as figuras circulares, o labirinto e a espiral, que suscitam a sondagem do mundo a partir do romance, como microcosmo ou como síntese.

## T RANSLATIO

Douglas Rodrigues de Sousa (UnB)

Em 1991 as editoras Loyola e Giordano, em coprodução, “com o intuito de reapresentar esta notável ficção”, segundo o editor, lançam o “Retábulo de Santa Joana Carolina” teatralizado, em formato cênico. O texto é uma teatralização, como assim consta na capa do livro, de Maria José de Carvalho. A edição renovada contém as duas versões: a adaptada e a original de Osman Lins. Esta edição, é ainda composta por ilustrações de Marianne Jolowicz, prefácio de Julieta de Godoy Ladeira e pórtico de Maria José de Carvalho. Diante dessa significativa edição teatralizada do Retábulo de Osman Lins, pretendemos nesta comunicação incorrer na análise de um estudo comparado acerca da adaptação/translação das versões textuais da presente narrativa osmaniana. Da primeira versão, que aqui chamaremos de Hipotexto A, é transmutada, em 1991, para uma segunda versão Hipertexto B. Neste trabalho, portanto, realizamos uma análise a partir dos estudos da adaptação (texto original e versão teatralizada) de um suporte textual para outro, da translação entre os textos no universo da transposição com suas perdas e ganhos, as lembranças anteriores e seus novos formatos.

## A RENA

Pedro Henrique Couto Torres (UnB)

O presente trabalho pretende sugerir uma leitura segundo a qual a obra osmaniana seja apresentada desde um conjunto textual complexo, de cujas linhas irrompe uma literatura que se preocupa com a escrita e sua gênese contraditória de criação. *Arena* é, ao mesmo tempo, a imagem telúrica do infinito e do caos proveniente do mundo e o espaço de guerra no qual o escritor se coloca.

## S ILEO

Bernardina Leal (UFF)

*Sileo* e *Taceo*, as duas formas de silêncio apresentadas por Barthes, são identificadas em “Pentágono de Hahn”, narrativa de Osman Lins, publicada no livro *Nove, Novena*. O conto, já em suas primeiras linhas, coloca o leitor diante do abismo da palavra: silêncios. Os silêncios são identificados por pausas gramaticais, cortes nas falas e desenhos que lembram figuras musicais. São silêncios das coisas e da natureza, inclusive de natureza animal, mas também silêncios verbais - desde a palavra, na palavra, entre palavras. Pensar o silêncio na escritura osmaniana, desde Hahn, implica, pois, em abordá-lo na materialidade definida pela relação estabelecida entre dizer e não dizer, mas também na sua presença incorporada a lugares, objetos e animais que não possuem fala, ainda que possam emitir sons. Essa opção, antes de minimizar a preocupação com a linguagem, ressalta a importância da palavra, sua preciosa presença a uma só tempo sonora e silente.



# *in* NOVE NOVENTA

ORGANIZAÇÃO



GRUPO DE ESTUDOS OSMANIANOS



Apoio:  
Coordenação de Aperfeiçoamento de  
Pessoal de Nível Superior (CAPES).